

Orientadora: Cristiana Facchetti. Co-orientadora: Lorelai Kury. Rio de Janeiro: FioCruz, 2009.

²⁶M. S. Pinto; M. G. Cechini; I. M. Malaquias; L. M. Moreira-Nordemann; J. R. Pita. O médico brasileiro José Pijnto de Azeredo (1766?-1810) e o exame químico da atmosfera do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, V. 12, n.3, p. 617-73, set-dez. 2005.

²⁷ Roy Porter & Georges Vigarello. "Corpo, Saúde e Doenças". In: VIGARELLO, G. (dir.). *História do Corpo*. Da Renascença às Luzes. Editora Vozes: Petrópolis, 2008.

²⁸ *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Na typografia da mesma Academia. 1815-1819

²⁹ José Agostinho de Macedo. Os Burros. In: *Satyricos Portugueses*. Collecção selecta de poemas herói-comico-satyricos; illustrada com notas. Em casa de J. P. Aillaud na Officina Typografia de Casimir.

³⁰ Francisco de Mello Franco. *Tratado de educação fysica dos meninos para uso da nação Portuguesa*. Lisboa: [s.n.], 1790.

³¹ Francisco de Mello Franco. *Elementos de hygiene ou Dictames theoreticos, e practicos para conservar a saúde e prolongar a vida*. Lisboa: Academia Real de Ciências, 1814.

³² Idem, p. X.

³³ Requerimento encaminhando ao Ministério do Império. BNRJ, Divisão de Manuscritos, C-0036,01; Francisco de Melo Franco. ANRJ, Graças Honoríficas.

³⁴J.G.A. Pocock. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

Práticas Políticas e Sociabilidade Intelectual na Bahia: 1940-1950

Vanessa Magalhães da Silva*

Práticas políticas e intelectuais

A atuação intelectual não pode ser dissociada da atuação política. Para compreender a ação política de determinados grupos é necessário, também, observar sua atividade intelectual, e vice-versa. As diversas gerações de intelectuais geralmente estiveram à frente das grandes mudanças políticas do Brasil.¹ Nosso trabalho se baseia em uma proposta de abordar as atividades intelectuais enquanto atitudes políticas. Se um sistema político-econômico e social cria camadas de intelectuais que o legitimem, como foi o caso do Estado Novo – e não só dele –, há que se considerar também que a estrutura em vigor anteriormente deixa intelectuais depositários e defensores de suas prerrogativas.²

As décadas de 20, 30 e 40 do século XX foram marcadas pelo surgimento de estabelecimentos de ensino superior com o nome de universidade³, pois existiam, anteriormente, apenas faculdades isoladas. Segundo Lucia Lippi Oliveira, "o discurso ideológico dos anos 30 apresenta um nível de organização específica, extraíndo seu êxito da coerência simbólica, passível de transformar-se em um projeto político."⁴

O investimento na educação – e na cultura de forma geral – buscava modelar um novo padrão de identidade nacional, que trazia em seus rastros os anseios de fortalecer o Estado nacional.⁵ Segundo Dulce Pandolfi, essa proposta reuniu um número considerável de intelectuais em torno do projeto de elaboração de um novo ideal de nação.⁶ Um exemplo do olhar voltado para

a política educacional – e, não pretendemos aqui fazer uma avaliação política destas iniciativas – é a criação do Ministério da Educação, em 1930.

Daniel Pécaut salienta que os intelectuais deste período não estavam vinculados às instituições. “Não se situavam em um campo autônomo, com suas hierarquias e estratégias alicerçadas em critérios relativamente estáveis. Não atuavam, tampouco, no sentido de consolidar as liberdades e os direitos tocantes à condição universitária.”⁷ Segundo Pécaut,

*o intelectual brasileiro apresentava, comumente, três perfis: o de advogado (eram numerosos os doutrinários de tendência autoritária com formação jurídica); o de engenheiro (frequentemente caracterizado pelo positivismo e inclinado para uma visão técnica do poder) e, é claro, o de homem de cultura.*⁸

Nós acrescentamos, no caso da Bahia, os homens da Medicina. E são esses homens – bacharéis em Ciências Jurídicas, engenheiros e médicos – que irão formar o quadro docente da Faculdade de Filosofia da Bahia. É importante salientar que esses intelectuais compunham os quadros docentes de faculdades e possuíam, paralelamente, uma atuação destacada na vida pública, formando as bases de uma elite que além de letrada era também política.

Esta geração fazia parte de uma rede de sociabilidade baiana que transitava entre o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, a Academia de Letras da Bahia, além das faculdades em que atuavam, principalmente como professores catedráticos. Para além disso, estavam inseridos na política estadual, alguns também na política nacional, exercendo cargos políticos, ou atuando indiretamente.

A Faculdade de Filosofia da Bahia foi criada em 1941, a Universidade da Bahia em 1946 com a anexação das faculdades existentes, adequando-se, assim, à política educacional estado-novista. Através da análise de trajetórias

dos professores fundadores da Faculdade de Filosofia da Bahia é possível identificar suas posturas políticas e atrelá-las a seus comportamentos intelectuais, quando cultura e política tornam-se “componentes indissolúveis do mesmo processo”.⁹

Ângela de Castro Gomes nos adverte que os locais de sociabilidade intelectual de uma determinada geração “podem ser indicadores valiosos para análise de movimentos de produção e circulação de idéias”.¹⁰ No caso da Bahia estado-novista dois destes lugares são o IGHB e a ALB – além da própria Faculdade de Filosofia. A análise destes locais privilegiados enquanto centros produtores e difusores de saber, e da atuação desta geração específica e das suas condições particulares de produção – além do seu comprometimento político – em suas estruturas permite “elucidar aspectos da constituição de uma formulação intelectual, de sua vitalidade e continuidade através do tempo.”¹¹

Um estudo que traz reflexões importantes é o de Michel Trebitsch. Primeiro quando indaga sobre as formas pelas quais um universo intelectual produz suas idiossincrasias.¹² Depois, ao defender a idéia de que arenas de sociabilidade são imprescindíveis para a produção intelectual.¹³ As premissas estabelecidas por este autor oferecem a perspectiva de enaltecer as especificidades deste grupo de intelectuais baianos em seus centros de sociabilidade que se conformam como bancadas para o debate erudito e para disputas políticas.

Jean-François Sirinelli, por sua vez, conclama o historiador que estuda a sociabilidade intelectual a construir um mosaico de possibilidades de forma que toda e qualquer circunstância de produção ou atuação intelectual seja inteligível.¹⁴ Assim, propor uma história dos intelectuais pautada nas redes de sociabilidade significa

*seguir as trajetórias de indivíduos e grupos buscando mapear suas idéias, tradições, comportamentos, formas de organização, de modo que seja possível caracterizar e compreender seus esforços de reunião e de afirmação de identidade em determinados momentos.*¹⁵

Paulo Santos Silva informa que, para além dos diversos laços de parentescos, longas amizades, credos políticos, casamentos, apadrinhamentos e outros, um aspecto importante “é que os baianos sempre se dedicavam a escrever uns sobre os outros, traço comum a qualquer agrupamento que busca unidade ou pretende manter-se coeso.”¹⁶ Havia os discursos de posse da Academia de Letras da Bahia e textos biográficos. Ainda sobre a coesão, Silva acrescenta:

*A produção intelectual veiculada pelas revistas do IGHB e da ALB revela o quanto esta comunidade era auto-centrada: a maior parte dos textos publicados entre 1930 e 1945 refere-se a personalidades locais, traçando-lhes os perfis biográficos, o que, de resto, significava cumprir os objetivos programáticos dos dois referidos periódicos. Assim, os intelectuais baianos mantinham viva a memória e construíam para si, a partir de cada membro, uma imagem positiva, reforçadora da coesão dessa pequena comunidade.*¹⁷

É necessário ressaltar a importância das revistas para difusão de ideias e instrumentos constitutivos de uma sociabilidade intelectual e institucional. Elas foram também utilizadas pela Universidade da Bahia como meio de difundir as produções universitárias e mesmo dar continuidade ao *habitus* da sociedade baiana daquele momento.¹⁸ As práticas não se modificaram, apenas foram adaptadas a partir do surgimento da nova instituição, os intelectuais eram os mesmos e apenas alguns anos depois essas redes foram inovadas, ainda assim, com a permanência de muitos da geração anterior. O que significa dizer que os modos de ação e atuação não mudaram, as revistas, os discursos, os debates apenas tomaram novos espaços. Esses intelectuais não estavam assumindo uma nova categoria, mas o que se processava era uma extensão daquilo que faziam anteriormente.

Se Trebitsch está correto ao defender que a história dos intelectuais se pauta em representações de uma comunidade idílica¹⁹, os intelectuais são vistos como produtores de bens

simbólicos e como mediadores culturais que têm sua atuação atrelada ao surgimento de um espaço público que, como afirma Roger Chartier, dá sentido às suas atividades culturais ao tempo em que lhes confere doses de autonomia.²⁰

É preciso considerar a relevância do papel social e histórico que uma coletividade desempenha, neste caso, na conformação de instituições e/ou de grupos sociais específicos e da prosopografia²¹ como elemento a ser utilizado para apreensão dos significados das representações que marcam as ações destes grupos. A prosopografia é uma ferramenta que auxilia a análise dos intelectuais enquanto grupo (coletividade) institucionalmente (IGHB, ALB, Faculdade de Filosofia) articulada.

A coletividade pode ser associada à construção de uma identidade letrada, mesmo que endogenamente haja todos os tipos de cisões. Embora apresentando dissidências em diversos departamentos, o grupo pode se tornar coeso (“coletivo”) na medida em que apresenta um projeto intelectual integrado.²² Seriam as formas particulares de “pensar e agir de uma comunidade intelectual”²³ específica, caracterizadas conjuntamente pelas possibilidades de um contexto que circunscreve suas faculdades de captar a realidade e refletir sobre ela. Daí nasce a necessidade de entender as suas práticas intelectuais enquanto práticas de um grupo específico, “seu modo de ser (...), suas estratégias, seus *habitus*.”²⁴

É importante refletir sobre as funções sociais que estes intelectuais poderiam assumir – suas posições não apenas na Faculdade, mas também nas outras instituições intelectuais de prestígio da época, IGHB e ALB, especificamente – graças à sua competência e erudição²⁵, assunto tão recorrente em suas pastas pessoais.

Apresenta-se como sendo de fundamental importância o devido estabelecimento das relações entre o contexto estado-novista e as instituições culturais – como IGHB e ALB – que

muitas vezes se configuraram como instrumentos do Estado. Não nos esqueçamos que a própria Faculdade foi idealizada por um dos mais eminentes integralistas do cenário político baiano, o educador Isaias Alves. Esse pano de fundo histórico é fulcral para o entendimento das tentativas e possibilidades de interferência desses intelectuais na conformação de sua sociedade.

A ALB foi fundada em 07 de março de 1917, data em que, 193 anos antes, havia sido criada a Academia Brasileira dos Esquecidos, a primeira academia deste gênero no Brasil. Fundada em Salvador, a Academia dos Esquecidos durou menos de um ano, seus trabalhos foram retomados depois, em 1759, pela Academia Brasileira dos Acadêmicos Renascidos – assim chamada por conta da retomada da proposta da academia anterior – que também teve duração efêmera. Por ter sido criada na Bahia a primeira academia, Austregésilo de Athayde sugeriu que fosse escrito no emblema da nova instituição o seguinte: “Primeira Academia de Letras do Brasil”. A iniciativa de criar a Academia foi de Arlindo Fragoso, engenheiro, que também esteve ligado à ideia de criação da Escola Politécnica da Bahia, em 1897.²⁶

O IGHB é uma entidade anterior à ALB, surgiu em 13 de maio de 1894. Segundo Aldo Silva, a instituição fora criada para servir como espaço de interlocução das elites, centro privilegiado para a reflexão e produção de um saber específico, absolutamente articulado às idiosincrasias locais.²⁷

Os locais de sociabilidades eram também ambientes favoráveis às discussões e debates políticos. Algumas instituições se destacavam como núcleo de oposição ou a favor dos governos. Segundo Sirinelli, “todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver.” O autor acrescenta, ainda, que essas “são estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar”.²⁸ A USP foi um dos núcleos de oposição ao Estado

Novo,²⁹ assim como a Faculdade de Direito da Bahia, que trazia em seu quadro docente membros da Concentração Autonomista, grupo político baiano de oposição ao governo Vargas. Orlando Gomes e Nestor Duarte, por exemplo, eram professores da FDB e faziam parte dos Autonomistas.

Luiz Viana Filho, Aloysio de Carvalho e Antônio Balbino de Carvalho Filho, professores fundadores da Faculdade de Filosofia da Bahia, também fizeram parte da Concentração Autonomista da Bahia, partido político que fez oposição ao governo Vargas e ao interventor Juracy Magalhães (que era cearense) e defendia, como sugere o próprio nome, uma autonomia política da Bahia e aspirava à volta à democracia. Apesar de ter feito parte da CAB, Antônio Balbino tornou-se Ministro da Educação e Saúde do segundo governo Vargas.

A ocupação de cargos políticos consiste em outro campo de atuação intelectual. Dentre os professores que exerceram cargos políticos, destacamos Antônio Balbino de Carvalho Filho, que foi Governador da Bahia, Deputado Federal, Ministro da Educação e Saúde do governo Vargas, Ministro dos Negócios da Indústria e Comércio do governo João Goulart; Lafayette de Azevêdo Pondé, Secretário do Interior e Justiça na interventoria federal de Landulpho Alves, Presidente do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, Promotor de Justiça, Procurador-Geral do Estado da Bahia; Luiz Viana Filho atuou como Chefe do Gabinete Civil do governo Castelo Branco, Governador da Bahia, Deputado Federal, Senador. Além disso, ficou conhecido como ‘príncipe dos biógrafos’, expressão cunhada por Alceu de Amoroso Lima, por conta das tantas biografias que escreveu: Rui Barbosa, Anísio Teixeira, Joaquim Nabuco, Barão do Rio Branco, Machado de Assis, Eça de Queiroz, José Bonifácio, José de Alencar. Assim, Luiz Viana Filho³⁰ corporifica as múltiplas funções que os acadêmicos poderiam assumir, tendo sido professor, político, jornalista, acadêmico, escritor, biógrafo.

Apesar de trabalharmos com aproximações, não queremos – tampouco podemos – homogeneizar esse grupo. Destacamos que existiam as peculiaridades. Nem todos os professores atuavam na política baiana. Um exemplo que corrobora com essa perspectiva é o do professor Thales de Azevedo que não tinha relação próxima com a política. Ao ser perguntado qual figura política ele admirava, o professor responde:

Não tenho a lembrança mais viva, quem eu possa recordar. O Getúlio sempre me chamou atenção pelo personalismo, por aquela tendência ditatorial (...). Eu não participava da política na Bahia, aquilo pouco me tocava.³¹

O que não o impediu de escrever sobre política em seus escritos jornalísticos, como os artigos publicados no jornal *A Tarde*: “Contradições de conjuntura política”, 12 de setembro de 1961; “Eleitos e eleitores”, 14 de novembro de 1986 e “Governo e povo na democracia” de 28 de julho de 1989, além de outros.

Os intelectuais estavam envolvidos em partidos políticos e muitos produziram a partir de suas experiências políticas. Herbert Parentes Fortes foi catedrático de Literatura Latina e um líder da Ação Integralista Brasileira na Bahia. O professor Godofredo Filho também foi integralista, como ele mesmo apontou na carta enviada a Anísio Teixeira, em 27 de maio de 1933.

– Em fins de Junho darei um salto até aí (Rio de Janeiro). Levo um livro definitivo para editar. E com ele ficará encerrado o ciclo poético. Trabalho, agora, “As Razões do Integralismo”. É doutrina. Ia esquecendo de lhe dizer, Anísio: fôrmo, aqui, na vanguarda integralista. Hoje, tem que ser assim. Estamos na hora das afirmações supremas: direita ou esquerda. Os cépticos a Jayme Ayres, não ha lugar para eles. Ou servirão de arena onde nós devoraremos os nossos inimigos ou seremos engulidos. Cave leonem.³²

Representação simbólica: os quadros

Há no universo político e intelectual uma representação simbólica. No caso em estudo, além dos discursos e da produção intelectual, há uma busca do simbólico representado através de quadros que retratam alguns dos mais eminentes professores da Faculdade de Filosofia da Bahia. Estes quadros, que se configuram, a um só tempo, como parte da cultura material da Faculdade de Filosofia da Bahia e da sua história intelectual, podem, sem dúvida, contemplar a agenda proposta por Ulpiano Meneses de temas que enriqueçam as relações analíticas que colocam história e campo visual frente a frente.³³

Os quadros eram uma das formas através das quais a perenidade – talvez imortalidade seja um termo carregado demais, mesmo considerando que expresse melhor o anseio dos envolvidos – da atuação intelectual dos professores poderia ser celebrada. Ela se associava à produção intelectual completando-a na condição de memória visual³⁴ e desempenharia o papel de enaltecer, o retratado, em locais e contextos diversos. Concordamos com Simões Filho que “o fato de estabelecer uma *imagem pública e institucional* foi o que conferiu valor social para esse gênero de representação”.³⁵

É possível encontrar em algumas pastas³⁶ informações sobre datas de inauguração dos retratos. O professor Carlos Chiacchio faleceu em 1947 e em sua pasta consta um documento da Conferência realizada no Salão Nobre da Reitoria por ocasião da inauguração de seu retrato, no dia 28 de outubro de 1948. Leda Jesuíno³⁷ fez a conferência de inauguração e definiu o que se pretendia com a colocação do retrato: “Esses aqui estão, lamentando tão cedo tivesse findado a curva biológica, e por isso mesmo desejando materializar vossa presença.”³⁸

Assim, refletimos sobre como uma fonte visual, que integra os quadros da cultura material de uma universidade baiana, pode se transformar em informação sobre o passado

e elemento a partir do qual signos possam ser identificados, tornando inteligíveis caracteres desta sociedade na qual o retrato era uma arte distintiva.

A recepção, elemento que não pode ser desconsiderado em suas diversas formas possíveis, entra em jogo atrelada a um dos objetivos da produção material-imagética: a criação de *locais de memória*, nos quais os mais proeminentes intelectuais – ainda que seja difícil a distinção dos selecionados a serem retratados – seriam lembrados por suas ações/produções, pelo seu pertencimento ao grupo específico de homens de saber que fizeram parte do universo de professores da Faculdade de Filosofia da Bahia. Estes locais, além de invocar a identidade local, evocariam “os tempos pretéritos consolidando a memória institucional”.³⁹ Desta forma, a Faculdade sacramentava sua temporalidade na condição de espaço cultural através da lembrança.⁴⁰

Há alguns traços nos quadros que podem ajudar a comprovar isso, como por exemplo, as roupas que trajam os retratados. Elas obedecem a uma linearidade e os docentes portam suas becas que servem para distingui-los de outros que não fazem parte desta coletividade específica. Na condição de retratados, os professores são a representação do corpo docente da Faculdade de Filosofia da Bahia e, portanto, abandonam momentaneamente suas particularidades para se transformar em membros de uma corporação em nome da qual falam.⁴¹

Cabe, então, estabelecer os diversos propósitos que motivaram os realizadores do processo de confecção dos quadros dos professores da Faculdade de Filosofia da Bahia em suas múltiplas fases, diferenciando idealizadores e executores, tentando entender as ambivalências de seus anseios e a medida em que a idealização foi cumprida quando da execução das tarefas encomendadas. Mesmo que tenham acatado ordens diretas e restritas, os pintores sempre carregam doses variadas de subjetividade que marcam seu estilo, suas preferências e

influências artísticas e o resultado, por mais pragmático que pareça, está impregnado pela mundividência do autor.

Três pintores foram contratados para execução dos quadros. Emídio Magalhães Lima, Manoel Ignácio de Mendonça Filho e Oscar Caetano da Silva eram nomes expressivos da arte na Bahia. O primeiro, nome conhecido na Bahia por ser um retratista, recebia diversas encomendas e seu trabalho era voltado para os retratos. Autointitulava-se como pintor realista. Mendonça Filho não era um pintor de retratos, sua arte estava mais próxima do impressionismo, com linhas esvoaçantes, sem maiores detalhes. Oscar Caetano foi engenheiro e arquiteto, responsável por inúmeras construções civis em Salvador e no interior do estado. Interessante assinalar que os três eram componentes do quadro docente da Universidade da Bahia, o que estimula a formulação de uma pergunta: qual a relação entre artista e modelo?

Esses pintores, que recebiam encomendas para fazer os retratos, faziam parte do mesmo ambiente universitário que seus retratados. Às vezes tinham a mesma formação – Oscar Caetano, desempenhando sua função de engenheiro e arquiteto, trabalhou em locais que professores da FFB trabalharam. A maior parte do conjunto arquitetônico e urbanístico da Estância Hidromineral de Cipó foi construída por ele, na década de 30.⁴² O professor Aristides Gomes foi prefeito da dessa mesma Estância, em 1938, o que indica, de alguma forma, a relação desses profissionais. Porém, não sabemos até que ponto essas relações favoreceram a contratação desses pintores. Não podemos afirmar que todos os retratos foram encomendados, apesar de ser uma prática da época, não dispomos de documentos e fontes que nos permitam afirmar essa hipótese.

As obras dos três autores têm características próprias. Os retratos pintados por Emídio Magalhães carregam detalhes nas formas, nos traços dos rostos, nas linhas de expressão de cada retratado. O olhar nos retratos feitos por esse pintor tem uma expressão muito forte, cuidadosamente traçado.

A pintura se aproxima muito da fotografia. Os retratos são sóbrios e minuciosos, características do realismo. Linearmente, a obra de Oscar Caetano se aproxima de Emídio Magalhães, porém com menos destaque nas expressões, nas linhas. As pinturas do professor Mendonça Filho não retratam as formas minuciosamente, os traços aparecem com pouca nitidez, característica do impressionismo, no qual as figuras não deveriam ter formas nítidas. O contraste das cores, sem traços definidos marca a obra desse pintor.

Quanto ao modelo dos retratos, eles seguem o mesmo padrão. Ao que parece, a intenção era única: retratar o professor e expor esses quadros na Galeria de Mortos Ilustres, local disposto na Faculdade anteriormente. A referência a essa galeria encontramos na pasta do professor Manuel Peixoto, em um documento enviado à senhora Irene Baker, no qual a Faculdade a convidava para a inauguração do retrato do professor Peter Baker na referida Galeria, no dia 22 de abril de 1966.

Características como a paisagem não podem ser analisadas, já que os retratistas pintavam os quadros a partir de retratos, e estes, geralmente, eram feitos num mesmo padrão, com um tom acinzentado ao fundo, não representando nenhum tipo de ambiente. Todos os docentes retratados estão de becas, com nuances de cor entre o azul marinho e o roxo, que era a cor original da beca e da Filosofia. Essa indumentária é um distintivo daquele grupo, podemos justificar essa afirmação comparando os retratos dos docentes como o de um único funcionário retratado, que está trajado de paletó e camisa branca. O professor Carlos Chiacchio foi retratado de perfil e não é possível observar seu olhar, os outros docentes nem sempre estão de frente, mas apenas um pouco de lado, o que permite perceber seus rostos e seus olhares.

Para além do simbólico e das representações, as atuações intelectuais permeiam outros campos. As práxis podem ser políticas, culturais, educacionais ou artísticas. As sociabilidades estão presentes em diversos ambientes e instituições, bem como

múltiplas inserções e vínculos. Traços da cultura material que, produzidos sob os auspícios de uma elite política num contexto antidemocrático e conservador por excelência, apontam os mecanismos utilizados por elementos destas elites que buscavam prestígio social através da atuação intelectual para sacramentar suas ações e preservar sua memória, num período em que o culto da personalidade era a tônica da atuação na vida política.

Considerações finais

A partir da dinâmica de participação e inserção nos meios intelectuais, fossem eles acadêmicos ou não, percebemos que a atuação política era emblemática. Poder e legitimação estavam em constante diálogo, estabelecendo, assim, as vivências, as disputas e as atuações dentro de um mesmo grupo e de diversos espaços intelectuais. A essas práticas políticas acrescentamos as práticas intelectuais, responsáveis por criar redes de sociabilidades nem sempre homogêneas, mas com interesses específicos.

O trânsito por instituições de saber na Bahia da primeira metade do século XX é característico da elite letrada local. Fazia parte da identidade intelectual e política. Uma atitude legitimava a outra, ao tempo em que esses personagens atuavam em um determinado espaço, estavam diretamente ligados a outros. Se a erudição era um diferencial desses grupos, esta era demonstrada nos jornais locais. Artigos, contos, poesias, crônicas e críticas estavam estampados nos impressos baianos diariamente.

O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, a Academia de Letras da Bahia e as faculdades de Medicina, Direito, Engenharia e Filosofia – posteriormente a Universidade da Bahia – eram nichos de debates, disputas, representação e legitimação de uma postura própria, intelectual, política e, principalmente, mantenedora do *status quo*, no qual o poder e o saber estavam muito bem definidos dentro daquela sociedade baiana.

Notas e Referências

* Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense e mestranda pela mesma Universidade sob orientação de Guilherme Pereira das Neves.

- ¹ Sobre as transições políticas e os intelectuais ver PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Tradução: Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.
- ² GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 3-23.
- ³ Ver CUNHA, Luiz Antônio. *A Universidade Temporã: o ensino superior da Colônia à Era de Vargas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/UFC, 1980.
- ⁴ OLIVEIRA, Lúcia Lippi (coord.). *Elite intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada*. Brasília/Rio de Janeiro: INL/FGV, 1980, p. 52.
- ⁵ PANDOLFI, Dulce Chaves (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 10.
- ⁶ Ibidem.
- ⁷ PÉCAUT, op. cit., p. 34.
- ⁸ Ibidem.
- ⁹ MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*. São Paulo: Ática, 1980, p. 19.
- ¹⁰ GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999, p. 41-42.
- ¹¹ GOMES, op. cit., p. 42.
- ¹² TREBITSCH, Michel. "Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme". *Le Cahiers de l'Institut d' Histoire du temps présent*. Paris: CNRS, nº 20, mars, 1992, p. 15-18.
- ¹³ Ibidem, p. 17-20.
- ¹⁴ SIRINELLI, Jean-François. "Os intelectuais". In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Tradução: Dora Rocha. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV/UFRJ Editora, 1996, p. 250-255.
- ¹⁵ GONTIJO, Rebeca. "História, cultura, política e sociabilidade intelectual". In: SOIHET, Rachel, BICALHO, Maria Fernanda Baptista, GOUVÊA, Maria da Fátima Silva (orgs.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 277.
- ¹⁶ SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de Tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: EDUFBA, 2000, p. 103.
- ¹⁷ Ibidem.
- ¹⁸ Essas publicações estavam previstas no próprio estatuto da UBa: "Art. 72º – A universidade publicará Arquivos, que serão constituídos de tantos volumes

- quantas as unidades universitárias e destinados à divulgação de trabalhos originais de natureza exclusivamente técnico-científica." In: "Estatuto da Universidade da Bahia". Arquivo Clemente Mariani, CMA mes ce 1947.05.2112, documento 38. FGV/CPDOC. Rio de Janeiro-RJ.
- ¹⁹ TREBITSCH, op. cit., p. 20-21.
 - ²⁰ CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1991, p. 15-20.
 - ²¹ BULST, Neithard. "Sobre o objeto e o método da prosopografia". *Revista Política: História e Sociedade*. Vitória da Conquista: Edições UESB, v. 5, nº 1, 2005, p. 47. Para uma análise pormenorizada ver HEINZ, Flávio Madureira. *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
 - ²² EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 69.
 - ²³ SILVA, Helenice Rodrigues de. "A história intelectual em questão." In: LOPES, Marcos Antônio. *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 16.
 - ²⁴ Ibidem.
 - ²⁵ VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. Tradução: Carlota Boto. Bauru: Edusc, 1999, p. 17.
 - ²⁶ Sobre a fundação da ALB, ver http://www.academiadeletrasdabahia.org.br/Pdf/Historia_ALB.pdf (Texto de Jorge Calmon). Sobre a Academia Brasileira dos Esquecidos, ver MORAES, Carlos Eduardo Mendes de. *A Academia Brasileira dos Esquecidos e as práticas de escrita no Brasil Colonial*. 1999. 271 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Sobre a Academia Brasileira dos Acadêmicos Renascidos, ver PESSOTI, Bruno Casseb. *Ajuntar manuscritos, e convocar escritores: o discurso histórico institucional no setecentos luso-brasileiro*. 2010. 282 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Sobre a fundação da Escola Politécnica, ver <http://www.eng.ufba.br/aescola.htm>.
 - ²⁷ SILVA, Aldo José Moraes. *Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: origens e estratégias de consolidação institucional (1894-1930)*. 2006. 250 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006, p. 15-16.
 - ²⁸ SIRINELLI, in RÉMOND, op. cit., p. 248.
 - ²⁹ Nobre apud VELLOSO, Mônica Pimenta. "Cultura e poder político: uma configuração do campo intelectual". In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 105 (nota 18).
 - ³⁰ Para uma biografia de Luiz Viana Filho ver FONSECA, João Justiniano da. A

vida de Luiz Viana Filho. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

³¹ "Thales de Azevedo: desaparece o último dos pioneiros dos antropólogos brasileiros de formação médica". Entrevista de Thales de Azevedo a Marcos Chor Maio. *Revista Manguinhos*. Rio de Janeiro: Casa de Osvaldo Cruz/Fiocruz, v. 3, n. 1, mar./jun. 1996, p. 146 (grifos nossos).

³² Correspondência entre Anísio Teixeira e Godofredo Filho sobre assuntos de cunho pessoal. Bahia. Arquivo Anísio Teixeira. AT c 1928.05.17, c Correspondência, 17/05/1928, rolo 36 fot. 764, documento 4. FGV/CPDOC. Rio de Janeiro-RJ. (Mantivemos a grafia original).

³³ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. "Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares". *Revista Brasileira de História*, vol.23, nº45, São Paulo, Julho, 2003, p. 11-36.

³⁴ EL FAR, op. cit., p. 93.

³⁵ SIMÕES FILHO, Afrânio Mário. *Retratos baianos: memória e valor de culto na Primeira República (1889-1930)*. 2003. 187 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003, p. 8.

³⁶ Uma de nossas fontes são as pastas administrativas dos docentes que se encontram no Arquivo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFBA.

³⁷ Leda Jesuíno foi aluna da primeira turma de Filosofia da Faculdade da Bahia, formando-se em 1945, tornou-se, posteriormente, professora da FFB.

³⁸ Leda Jesusino. "Conferência realizada no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia por ocasião da inauguração do retrato do prof. Dr. Carlos Chiacchio no dia 28 de outubro de 1948", p. 28. Pasta administrativa do Professor Carlos Chiacchio que se encontra no Arquivo da FFCH/UFBA. Este texto parece ser o original datilografado, mas esse mesmo texto foi publicado nos *Arquivos da Universidade da Bahia – Faculdade de Filosofia*. Salvador, vol. II, 1953, com o título "Chiacchio, o Mestre".

³⁹ EL FAR, op. cit., p. 96.

⁴⁰ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. "Vendo passado: representação e escrita da história". *Anais do Museu Paulista*, vol.15, nº2, São Paulo, Jul/Dez. 2007.

⁴¹ EL FAR, op. cit., p. 102-103.

⁴² Disponível em: <http://www.cidades.gov.br/secretarias-nacionais/programas-urbanos/Imprensa/reabilitacao-de-areas-urbanas-centrais/noticias-2008/marco/ipac-inicia-tombamento-de-conjunto-arquitetonico-urbanistico-de-cipo/>. Acesso em abril de 2009.

RESUMOS | ABSTRACTS

Criminosos, polícia e políticos em letras impressas: jornais cariocas, criminalidade na cidade do Rio de Janeiro e fraudes eleitorais no início do século XX

Ana Vasconcelos Ottoni

Resumo: Este trabalho analisa como a imprensa carioca tratava a relação entre a expansão da criminalidade no Rio de Janeiro do início do século XX e o relacionamento dos criminosos e da polícia com os políticos, em meio às fraudes eleitorais da época. Investiga também como os jornais articulavam a discussão sobre tal relacionamento e a criminalidade com as suas posições em relação às candidaturas presidenciais de marechal Hermes da Fonseca e Rui Barbosa na campanha eleitoral de 1909 e 1910.

Palavras-chave: Imprensa, criminalidade no Rio de Janeiro, fraudes eleitorais

Abstract: This paper analyses how the local press dealt with the relation between the criminality expansion in the city of Rio de Janeiro of the XX century beginning and the relationships involving criminals and the police with politicians and electoral frauds of that time. It also investigates how the newspapers managed the discussion about such relationships and the criminality concerning their positions with respect to the presidential candidacy of marshal Hermes da Fonseca and Rui Barbosa in the 1909 and 1910 electoral campaign.

Keywords: Press, criminality in Rio de Janeiro, electoral frauds